

A construção das personagens femininas nigerianas nos contos “No seu Pescoço” e “Os Casamenteiros”, de Chimamanda Ngozi Adichie

Claudeci Ribeiro Silva Araújo (UEPB)*
ORCID 0000-0001-7954-1317
Aldinida Medeiros (UEPB)**
ORCID 0000-0001-9349-5492

Resumo: Este artigo faz uma análise da construção das personagens femininas negras no contexto da diáspora nos contos “Os Casamenteiros” e “No Seu Pescoço”, publicados no livro *No Seu Pescoço* (2017), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. A escritora é uma das vozes da literatura contemporânea africana narrando histórias de mulheres negras e desconstruindo estereótipos em relação ao continente, que é diverso de etnias e diferentes dialetos. Nossas análises estão direcionadas para mulheres negras que migram da Nigéria (África) para os Estados Unidos (EUA) e neste deslocamento vivenciam um choque cultural e de preconceitos em relação à identidade. Para melhor compreensão destas construções na narrativa estabelecemos um diálogo com os estudos de Akotirene (2019), Braga (2019), Hall (2003) e Hooks (1995).

Palavras-chave: Mulher negra; diáspora; contos; Adichie

Abstract: This article analyzes the construction of black female characters in the diaspora context in the short stories “The arrangers of marriage” and “The thing around your neck”, published in the book *The thing around your neck* (2017), by the Nigerian writer Chimamanda Ngozi Adichie. The writer is one of the voices of contemporary African literature, narrating the stories of black women and deconstructing stereotypes in relation to the continent, which is diverse in terms of ethnicities and different dialects. Our analysis are directed towards black women who migrate from Nigeria (Africa) to the United States (USA) and, within this displacement, experience a cultural shock and prejudice regarding identity. For a better understanding of these constructions in the narrative, we establish a dialogue with the studies by Akotirene (2019), Braga (2019), Hall (2003) and Hooks (1995).

Keywords: Black woman; diaspora; tales; Adichie

Resumen: Este artículo analiza la construcción de personajes femeninos negros en el contexto de la diáspora en los cuentos “Os Casamenteiros” y “No Seu Pescoço”, publicados en el libro *No Seu Pescoço* (2017), de la escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. La escritora es una de las voces de la literatura africana contemporánea que cuenta historias de mujeres negras y deconstruye estereotipos en relación con el continente, que es diverso de etnias, y diferentes dialectos. Nuestras análisis están dirigidos a mujeres negras que emigran de Nigeria (África) a Estados Unidos (EE. UU.) Y en este desplazamiento experimentan un choque cultural y prejuicios sobre la identidad. Para una mejor comprensión de estas construcciones en la narrativa, entablamos un diálogo con los estudios de Akotirene (2019), Braga (2019), Hall (2003) y Hooks (1995).

Palabras-clave: Black woman; diaspora; tales; Adichie

Recebido em: 9 abril 2021

| Aprovado em: 29 abril 2021

* Doutora em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: claudeciribeiro094@gmail.com.

** Doutora em Estudos da Linguagem e professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: aldinida@servidor.uepb.edu.br.

Considerações iniciais

As literaturas de origem africanas estão ocupando cada vez mais espaço na academia e a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie emerge como uma voz para a literatura de autoria feminina. Com obras traduzidas para mais de 30 países – no Brasil são traduzidas pela Companhia das Letras – a escritora africana vem despertando o interesse do mercado editorial, dos críticos e pesquisadores de vários países.

A escritora nasceu em Enugu, na Nigéria (África), no ano de 1977 e foi criada em ambiente universitário na cidade de Nsukka, onde o pai atuou como professor. Aos 19 anos decidiu estudar Comunicação e Ciência Política nos Estados Unidos (EUA) e a partir daí começou a escrever para jornais e revistas universitários. Desde então vive entre os dois países descrevendo em suas obras as culturas nigeriana e americana. A nigeriana tem popularização internacional e permaneceu por seis meses na lista de best-sellers do New York Times no ano de 2014 com seu livro *Americanah* (2014).

Entre os livros traduzidos para a Língua Portuguesa estão: *Meio Sol Amarelo* (2008), romance que narra a história da Guerra Civil da Nigéria, também conhecida como guerra Nigéria-Biafra, tradução de *Christina Baum*; *Hibisco Roxo* (2011), que apresenta um panorama da Nigéria atual em uma mistura de autobiografia e ficção; *Americanah* (2014), seu livro mais conhecido que narra a história de amor dos personagens Ifemelu e Obzine e *No Seu Pescoço* (2017) coleção de doze histórias na África e nos Estados Unidos, traduzidos por Júlia Romeu.

Chimamanda Ngozi Adichie ainda tem traduzidos no Brasil *Sejamos Todos Feministas* (2014) e *Para Educar Crianças Feministas* (2017) – manifestos sobre a questão de gênero –, e *O Perigo de uma história Única* (2019) – versão da primeira fala feita por Chimamanda Ngozi Adichie, no programa TED Talk, em 2009. Traduções são de *Christina Baum*, *Denise Bottmann* e *Julia Romeu*, respectivamente. As publicações traduzidas pela Companhia das Letras contribuem para um maior entendimento dessa produção no Brasil. Representação a partir de experiências femininas são destaques nas publicações da escritora.

Ainda pesquisando a biografia de Chimamanda Ngozi Adichie encontramos semelhanças com histórias de suas personagens, especialmente à visibilidade para mulheres negras nigerianas e o seu continente africano. Um entrelaçamento importante porque suas narrativas literárias apresentam denúncias de preconceitos e contribuem para que ocorram mudanças na sociedade, pois refletir a questão de gênero é importante em todo o mundo. Durante entrevista ao Jornal *El País*, no ano de 2017, a escritora que é considerada uma feminista e escritora pós-colonial, descreveu as personagens femininas de suas obras:

Minhas personagens normalmente me surpreendem, não as planejo demais. Muitas escritoras reclamam que suas figuras femininas precisam ser simpáticas para leitores e críticos. Quando o personagem é masculino, a crítica não vai por esse lado, é se é completo ou não, mas, com as mulheres, muitas vezes se reduz a se eu gosto ou não. E não acho que elas deveriam agir para agradar. Não me interessam os protagonistas simples, mas os que façam qualquer tipo de coisas. E eu faço isso deliberadamente. (JIMÉNEZ, p. 4, 2017)

As temáticas com suas personagens femininas são referências nas publicações da escritora Chimamanda, por isso, escolhemos os contos “Os Casamenteiros” e “No Seu Pescoço” para analisar os reflexos da desigualdade de gênero, cor da pele e nacionalidade na identidade cultural das mulheres nigerianas fora do seu território, porque apresentam

um conteúdo rico para reflexões na literatura contemporânea africana de autoria feminina – que vem dando visibilidade às mulheres com suas histórias excluídas.

“Os Casamenteiros” narra a história da jovem Chinaza Agatha que tem um casamento arranjado pelos tios com um nigeriano residente em Nova York e que após o casamento muda da Nigéria (África) para o Estados Unidos (EUA). O conto “No Seu Pescoço”, mesmo nome a obra, mostra a história da estudante Akunna de família pobre em Lagos (Nigéria), que vai morar nos Estados Unidos, buscando ascender socialmente. Frisamos que a produção dos contos do livro *No Seu Pescoço* ocorreu na segunda metade da década de 1990 e durante os anos de 2000, época em que Adichie era ainda uma escritora desconhecida e voltada para narrativas curtas. As narrativas curtas apresentadas na obra em análise são coerentes com o conto contemporâneo.

2 – Identidade cultural e demarcações femininas

Para analisar a construção da identidade cultural da mulher negra africana imigrante nos Estados Unidos (EUA) e sua adaptação à vida daquele novo território é preciso entender o sentido do termo diáspora que adotamos neste artigo. A diáspora é um termo amplo que acompanha a humanidade desde a antiguidade e significa experiências das pessoas que deixam suas terras nativas, seja pela escravidão ou migração voluntária. Origina-se do grego diaspeirein, isto é, “espalhar”. O prefixo dia- refere-se à ideia de “movimento através”, “passagem” ou “afastamento”, ao passo que speirein significa “semear ou dispersar”. O deslocamento ocorre de uma região a outra do mesmo país ou através das fronteiras internacionais. De acordo com Braga:

As diásporas são mais antigas que os processos de colonização e descolonização. Teóricos concordam que as primeiras diásporas seriam associadas ao povo judeu, que se dispersa da antiga Judeia, atual Palestina, forçados por invasões constantes, obrigados, como em 586 A.C., a um exílio forçado na Babilônia. Novas invasões ocorrem no decorrer da história e novos movimentos diaspóricos são registrados, surgindo, assim, a figura do sujeito diaspórico. (BRAGA, 2019, p. 80- 81)

A diáspora vem passando por modificações e pode ser considerada uma das pontes críticas sobre a qual a identidade cultural é articulada nos fluxos contemporâneos. Na diáspora as identidades culturais se tornam múltiplas sendo influenciadas pelo momento histórico. A alternativa para o caminho da diáspora não é “Apega-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de “pertencimento cultural”, mas abarcar os processos mais amplos que estão transformando a cultura do mundo inteiro” (HALL, 2003, p. 47). Vale ressaltar que nesse processo as oportunidades muitas vezes são desiguais como podemos perceber com as vivências das personagens Akunna nos contos (*No Seu Pescoço*) e Chinaza (*Os Casamenteiros*) vítimas de preconceito racial, de gênero e da origem de seu continente.

Dialogando com Braga (2019) encontramos uma explicação para estes conflitos, pois segundo o autor, as diásporas não seguem fórmulas pré-estabelecidas e têm de fato “uma relação problemática com a sociedade anfitriã” (BRAGA, 2019, p. 88) como percebemos nos contos em análises. A jovem Chinaza Agatha saiu da cidade de Lagos, na Nigéria, por causa do casamento arranjado pelos seus tios com um nigeriano que era médico nos Estados Unidos (EUA). Ao chegar ao país Ofodile (Dave), o seu novo marido, rejeitou todos os seus costumes na tentativa da jovem parecer mais americana e ser aceita na cultura estrangeira. Dave adotou o estilo de vida americano e menosprezou tudo o que

vinha do seu país de origem, a Nigéria. Dois pontos merecem destaque no conto: a linguagem e a culinária, pois Chinaza precisava se acostumar com o modo de falar e as receitas dos americanos. Por opressão do marido ela também passou a ter o nome de Agatha Bell.

Ao chegar aos Estados Unidos a jovem logo percebeu que sua vivência naquele lugar não seria como imaginava, a começar pela casa sem móveis que iria residir com seu novo marido. Na primeira vez que telefonou para os tios e respondeu que não conseguiu porque estava em comunicação o marido começou a criticar sua língua: “Ocupado. Os americanos dizem ‘ocupado’ e não em “comunicação”. Ao responder ao cumprimento da vizinha Shirley seguindo a língua Igbo nigeriana¹, Ofodile alerta: “Você deve dizer ‘oi’ para as pessoas aqui, não você é bem-vinda”. Aqui não é assim. Todo mundo diz oi” (ADICHIE, 2017a, pg.184-185). Em outro momento no supermercado a jovem pediu para comprar bolacha e ele corrigiu: “Biscoito. Os americanos chamam de biscoito” (ADICHIE, 2017a, p. 187). Até em casa ele obrigava a esquecer a língua Igbo da Nigéria.

Além de impor a língua estrangeira e mudar seu nome nigeriano para o inglês Agatha Bell, no intuito da jovem apresentar características americanas, Dave como era chamado, pois também alterou seu nome, proibiu Chinaza de fazer receitas da Nigéria e adotar a culinária americana. Uma passagem na narrativa que merece atenção é quando a nigeriana faz um arroz de coco e desperta a curiosidade da vizinha:

No dia seguinte ele chegou com um livro chamado *Receitas americanas de uma boa dona de casa*, grosso como uma Bíblia. “Não quero que a gente fique conhecido como as pessoas que espalham cheiro de comida estrangeira pelo prédio”. Eu peguei o livro de receitas e passei a mão pela capa, sobre a foto de algo que parecia uma flor, mas que provavelmente era comida. “Sei que daqui a pouco você vai saber fazer uma ótima comida americana, disse ele, me puxando para si”. Naquela noite, eu pensei no livro de receitas quando ele estava com todo o seu peso em cima de mim, rugindo e resfolegando. (ADICHIE, 2017a, p. 192-193)

Os sujeitos na diáspora não esquecem seus lugares como percebemos na fala ou na culinária de Chinaza, mas as identidades culturais têm histórias e passam por transformações fazendo com que os sujeitos absorvam novas práticas culturais e se ressignifiquem. Neste sentido, a personagem não precisava abandonar suas práticas culturais como impõe seu marido, mas se adaptar às mudanças no novo lugar, porque mesmo voltando à Nigéria não seria mais a mesma devido às transformações. De acordo com Stuart Hall (2003) as comunidades migrantes trazem as marcas da diáspora, da “hibridização” e da *différance* em sua própria constituição. “Em condições diaspóricas, as pessoas geralmente são obrigadas a adotar posições de identificação, deslocadas, múltiplas e hífenizadas” (HALL, 2003, p. 75). Em relação às mulheres ele acrescenta que:

As mulheres que respeitam as tradições de suas comunidades se sentem livres para desafiar o caráter patriarcal destas, bem como o chauvinismo

¹ De acordo com informações da página <https://mundo-nigeriano.tumblr.com> o número de línguas atualmente estimado e catalogado na Nigéria é 521. Esse número inclui 510 línguas vivas, duas segundas línguas sem falantes nativos e 9 línguas extintas. Em algumas regiões da Nigéria, grupos étnicos falam mais de uma língua. A língua oficial da Nigéria é o inglês, a antiga língua colonial, foi escolhida para facilitar a unidade cultural e linguística do país. As principais línguas faladas na Nigéria são Hausa, Igbo, Yorubá, Edo, Efik, Ibíbio e Annang, Adamawa Fulfulde, Idoma, e Central Kanuri. A maioria dos grupos étnicos preferem comunicar-se em suas próprias línguas e o Inglês, sendo a língua oficial, é amplamente utilizada para a educação, transações comerciais e para fins oficiais.

da autoridade ali exercida. Outras se sentem bem se conformando. Outras ainda mesmo não querendo trocar identidades, insistem em seu direito individual de consentir e, quando não há consentimento, sem seu direito de sair da comunidade corretamente reivindicando o apoio do sistema judiciário e de outras agências sociais para que o exercício daquele direito se torne efetivo. (HALL, 2003, p. 83)

Dialogando com Hall (2003) percebemos Chinaza Agatha conformando-se com as mudanças que precisa fazer para ser aceita na cultura americana, pois não identificamos nenhuma reação da protagonista do conto “Os Casamenteiros” a não ser falar Igbo sozinha enquanto cozinhava ou algumas palavras com a vizinha também imigrante da África. Apresenta-se como uma personagem fragmentada pelas experiências da diáspora africana nos Estados Unidos, especificamente Nova York, seu novo endereço. Também é preciso reconhecer a opressão de gênero que sofre a personagem com as atitudes patriarcais do marido ao comprar um livro de receitas fixando a sua identidade como “boa dona de casa” – enclausurada no ambiente doméstico – e dos tios que lhe arranjaram um casamento. No manifesto *Para Educar Crianças Femininas* (2017), Adichie faz uma crítica da construção de que cozinhar é um “teste de boa esposa”:

Saber cozinhar não é algo que vem pré-instalado na vagina. Cozinhar se aprende. Cozinhar – o serviço doméstico em geral – é uma habilidade que se adquire na vida, e que teoricamente homens e mulheres deveriam ter. É também uma habilidade que às vezes escapa tanto aos homens quanto às mulheres. (ADICHIE, 2017b, p. 10)

Também temos de questionar a ideia do casamento como um prêmio para a mulher como fez os tios para Chinaza. O casamento não foi uma escolha da jovem, mas dos tios, que cuidavam dela desde que os pais morreram e consideravam uma “sorte grande” o fato da sobrinha se casar com um médico. Chinaza não compartilhava da mesma visão dos tios e após descobrir que Dave já tinha sido casado para conseguir permanecer nos Estados Unidos, ela decide abandoná-lo e vai morar na casa da vizinha Nia. Uma afro-americana que também sofre com as incertezas da vida fora do seu território, pelo olhar do outro. Aconselhada pela amiga, a jovem volta a morar com o marido para aguardar o visto americano, o que seria mais fácil para conseguir um emprego.

O contexto das vivências da personagem Akunna no conto “No Seu Pescoço” – sorteada na loteria do Green Card para estudar nos Estados Unidos e melhorar de vida – não é muito diferente de Chinaza, pois ela teve que lidar com o peso da questão racial, dos estereótipos relacionados ao seu continente Africano e de gênero. No conto em análise, encontramos vários discursos de estereótipos negativos em relação ao africano durante conversa de Akunna com as universitárias, como identificamos nos fragmentos a seguir:

Elas perguntaram onde você tinha aprendido a falar inglês, se havia casas de verdade na África e se você já tinha visto um carro antes de vir para os Estados Unidos. Olharam boquiabertas para o seu cabelo. Ele fica em pé ou cai quando você solta as tranças? Elas queriam saber. Fica todo em pé? Como? Por quê? Você usa pente? Você sorria de um jeito forçado enquanto elas faziam essas perguntas. Seu tio lhe disse que aquilo era esperado; uma mistura de ignorância e arrogância, foi como ele definiu. (ADICHIE, 2017a, p. 126)

No fragmento fica perceptível à visão dos estadunidenses em relação aos africanos construindo representações identitárias – O perigo da história única como adverte a autora dos contos no livro de mesmo nome – e uma objetificação da mulher negra vista como diferente na sua cor de pele, língua e o cabelo. Em outro momento a sua cor é associada à nacionalidade: “Muitas pessoas no restaurante perguntavam quando você tinha chegado da Jamaica, pois achavam que qualquer negro com sotaque estrangeiro era jamaicano” (ADICHIE, 2017a, p.130). O preconceito acontece também quando Akunna vai passear com o namorado de pele branca, que conheceu no trabalho de garçom em uma lanchonete. Um olhar diferente de brancos, negros, homens e mulheres em relação à sua identidade africana. Vejamos no trecho a seguir:

Pela reação das pessoas, você sabia que vocês dois eram anormais — o jeito como os grosseiros eram grosseiros demais e os simpáticos, simpáticos demais. As velhas e os velhos brancos que murmuravam e o encaravam, os homens negros que balançavam a cabeça para você, as mulheres negras com pena nos olhos, lamentando sua falta de autoestima, seu desprezo por si mesma. Ou as mulheres negras que davam sorrisos rápidos de solidariedade; os homens negros que se esforçavam demais para perdoar você, dizendo oi para ele de maneira alegre demais, alto demais, como se quisessem provar para si próprios que tinham a mente aberta. (ADICHIE, 2017a, p. 136)

As críticas do relacionamento interracial presentes neste conto de ficção contemporânea acontecem frequentemente porque o preconceito racial está enraizado nas sociedades e pode ser visto como uma relação de poder do colonizador e colonizado. Como diz “Pretas e pretos são pretas e pretos em qualquer lugar do mundo. Na profusão de identidades viajantes, contingentes, fluídas, a cor da pele não se desarticula da identidade negra” (AKOTIRENE, 2019, p. 23). Além das diferenças culturais, o casal não era da mesma classe social, e o próprio namorado mostrava um preconceito velado em relação à jovem. Vejamos no trecho a seguir:

Certa vez, no Chang’s, ele disse ao garçom que tinha ido recentemente a Xangai e que falava um pouco de mandarim. O garçom ficou animado, falou qual era a melhor sopa e depois perguntou: Você tem namorada em Xangai agora? Ele deu um sorriso sem dizer nada. Você perdeu o apetite, como se houvesse algo entupido no fundo do seu peito... Mais tarde, contou para ele porque estava chateada, dizendo que, apesar de vocês irem ao Chang’s juntos com tanta frequência, apesar de terem se beijado logo antes de o garçom trazer os cardápios, aquele chinês presumiu ser impossível que você fosse namorada dele, e ele apenas sorriu, sem dizer nada. Antes de pedir desculpas, ele olhou para você com uma expressão vaga, e você soube que ele não tinha entendido. (ADICHIE, 2017a, p.134)

Além do preconceito da cor da pele a mulher negra enfrenta o de gênero tornando-a ainda mais vulnerável em algumas situações. Então, percebemos na narrativa a protagonista na luta por autonomia especialmente financeira como uma mulher enfrentando incômodos – características do sujeito feminino em diáspora – vivendo de memórias e ao mesmo tempo se transformando com as novas vivências do outro território. Como destaca a voz do narrador: “Às vezes, você se sentia invisível e tentava atravessar as paredes entre o seu quarto e o corredor e, quando batia na parede, ficava com manchas roxas nos braços” (ADICHIE, 2017a, p. 129).

Familiares e os amigos esperavam receber bons presentes após a nigeriana conseguir migrar para os Estados Unidos, porém sua mão-de-obra não era bem recompensada o que mostra a sua condição social de imigrante e mulher negra. Recebia gorjetas para completar o salário e parte dele enviava para a sua mãe. “Nunca tinha dinheiro o suficiente para comprar perfumes, roupas, bolsas e sapatos para todos e ainda assim pagar o aluguel com o que ganhava como garçomete e, por isso, não escreveu para ninguém” (ADICHIE, 2017a).

De acordo com Akotirene (2019) por serem mulheres negras, há um limite de a jurisdição compreender a entrada das mulheres negras e dos negros no mercado de trabalho. Podemos dizer que algumas empresas até contratam para fazer mídia na lista das que defendem a diversidade, como contou o tio de Akunna, em relação ao seu bom cargo e salário em uma empresa americana desesperada em mostrar diversidade nas contratações. Em algumas situações quando as mulheres negras são contratadas não ocupam um lugar de destaque e nem são bem remuneradas, como aconteceu com Akunna ao trabalhar em uma lanchonete nos Estados Unidos. O salário da jovem era complementado com gratificações dos clientes.

3 – O corpo negro na diáspora

A condição da mulher negra na diáspora provoca reações que podem ser observadas em relação ao seu corpo. Nos contos “Os Casamenteiros” e “No Seu Pescoço” de Chimamanda Ngozi Adichie percebemos diversas atitudes em relação às personagens nas quais o corpo se mostra como domínio do masculino porque mesmo com todos os avanços a partir dos movimentos feministas os corpos das mulheres são expostos a situações de casamentos arranjados pela família, relações sexuais sem prazer, em troca de favores ou dinheiro, serviços domésticos ou empregos.

Em relação ao corpo da personagem Chinanza, o conto contextualiza uma mulher sem direito de expressar suas vontades e seus desejos no casamento. Como percebemos nos detalhes da primeira vez com Dave, em que o narrador evidencia o seu tormento. “Ele ergueu seu corpo para puxar minha camisola até acima da minha cintura. “Espere...” eu disse, para que ele me deixasse tirar a camisola, para que não parecesse tão rápido” (ADICHIE, 2017a, p. 182). Esta atitude naturaliza que o prazer é vivenciado apenas pela figura masculina e o corpo feminino precisa calar-se. Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas apenas corpo sem mente. Bell Hooks (1995) no artigo *Intelectuais Negras* publicada na *Revista Estudos Feministas*, observa:

Vistos como símbolo sexual os corpos femininos negros são postos numa categoria em termos culturais tida como bastante distante da vida mental. Dentro das hierarquias de sexo/raça/classe dos Estados Unidos as negras sempre estiveram no nível mais baixo. O status inferior nessa cultura e reservado aos julgados incapazes de mobilidade social por serem vistos em termos sexistas racistas e classistas como deficientes incompetentes e inferiores. (HOOKS, 1995, p. 6)

Falar abertamente sobre sexo ainda é um grande tabu até no casamento. Porque culturalmente a mulher recebe uma educação diferente do homem e mesmo na fase adulta não conhecem seus corpos e preferem fingir que sentem prazer. O desconforto da personagem Chinaza na hora do sexo com o marido está visível no fragmento citado anteriormente. Casou-se para agradar aos tios casamenteiros e seu desejo era estudar embora não tivesse revelado sua vontade aos familiares. “Não lembrei a eles que queria

fazer o exame nacional de admissão de novo e tentar entrar numa universidade” (ADICHIE, 2017a, p.183). Em outro trecho a cor de sua pele e seu comportamento na Nigéria são identificações para o seu corpo.

“Por que você casou comigo?”, perguntei. “Eu queria uma esposa nigeriana e minha mãe disse que você era uma menina boa, tranquila. Disse que talvez fosse até virgem”, disse ele, sorrindo, e parecendo ainda mais cansado ao fazê-lo. “Eu provavelmente deveria contar a ela que estava muito enganada.” “Eu fiquei feliz quando vi sua foto”, continuou ele, estalando os lábios. “Você tinha a pele clara. Eu tinha que pensar na aparência dos meus filhos. Negros de pele clara se dão melhor nos Estados Unidos.” (ADICHIE, 2017a, p. 197)

Identificamos neste fragmento de “Os Casamenteiros” durante o diálogo entre as personagens, após Dave revelar seu primeiro casamento para permanecer no País, pois também era imigrante – significados do corpo feminino de Chinaza de uma mulher negra para casar e ser mãe de filhos de pele clara – de acordo com a aceitação do País americano. Além do pensamento cultural sobre o papel da mulher negra para o ambiente doméstico de servir aos outros. No entanto, a atribuição de identidades estereotipadas aprisiona as mulheres negras a um papel subalterno, a exemplo do representado pelo corpo da nigerina, que teve seu sonho interrompido ao sair do seu território para casar. A jovem foi classificada na categoria pele clara e de identidade nigeriana ideal para um casamento, mas é preciso observar os corpos femininos como autônomos e não dentro dos padrões de submissão ou cor de pele para a dominação masculina.

Com histórias vivenciadas em situação de diáspora africana, o corpo da personagem Akunna do conto no “No Seu Pescoço” também recebe significações durante o processo de adaptação na cultura americana. De início pela frase “É dando que se recebe” foi vítima de um abuso sexual por parte do tio, como se o corpo da mulher estivesse sempre disponível em troca de favores ao masculino.

Até que seu tio entrou no porão apertado onde você dormia ao lado de caixas e embalagens velhas e puxou-a com força para perto dele, apertando sua bunda, soltando gemidos. Ele não era seu tio de verdade; na verdade, ele era irmão do marido da irmã de seu pai, não parente de sangue. Depois que você o empurrou para longe, ele se sentou na sua cama — a casa era dele, afinal de contas —, sorriu e disse que você não era mais criança, já tinha vinte e dois anos. Se você deixasse, ele faria muitas coisas por você. As mulheres espertas faziam isso o tempo todo. Como você achava que aquelas mulheres com bons salários em Lagos conseguiam aqueles empregos? E até as mulheres em Nova York? (ADICHIE, 2017a, p.127)

A cultura do estupro existe desde o período da escravidão e o corpo feminino negro é violentado porque as negras são “vistas como lascivas, ‘fáceis’, as que não merecem ser tratadas com respeito” (RIBEIRO, 2018, p. 117), além dos estereótipos veiculados nos meios de comunicação. Os corpos negros foram inscritos nas relações de gênero pela submissão e dominação masculina e o conto expõe um caso que reflete os abusos constantes em relação ao corpo feminino presentes na sociedade, inclusive nos próprios lares. Muitas vítimas nem denunciam como fez a jovem porque o Direito nem sempre beneficia o feminino e como enfatiza Akotirene (2019) que estuda o conceito de

interccionalidade como forma de abarcar as vivências e intersecções a que está submetida uma pessoa, em especial a mulher negra, o Direito:

Tem sua dinâmica interseccional, misoginias e racismos institucionais e dá conta dos mesmos recursos administrativos responsáveis por obstruir às mulheres negras os direitos de registrarem queixas, levando em conta discursos prévios sobre mulheres fáceis, raivosas, perigosas e sexualmente disponíveis. O descrédito das reivindicações das mulheres negras é consequência de intersecção complexa do sistema moderno, atravessado por discriminações de raça e gênero (AKOTIRENE, 2019, p. 41)

Outro destaque do fragmento é de que a mulher é incapaz de conseguir algo de acordo com seus potenciais e o corpo seria o único “capital” que dispõe para suas conquistas. No entanto, percebemos que Akunna reagiu contra a atitude do tio e no dia seguinte foi morar em Connecticut, uma cidade próxima de Lagos. Com a saída da casa do tio a jovem passa por muitos conflitos e seu sonho de estudar nos Estados Unidos torna-se ameaçado. O que recebia trabalhando no restaurante era insuficiente para as despesas domésticas e pagar uma faculdade. Ela frequentava as bibliotecas públicas.

A partir daí memórias das vivências na Nigéria e os conflitos em diáspora ficaram presentes no seu cotidiano de Akunna. “À noite, algo se enroscava no seu pescoço, algo que por muito pouco não lhe sufocava antes de você cair no sono” (ADICHIE, 2017a, p.129). O pescoço tomado como parte do corpo apresenta toda a problemática de sufocamento que vive a personagem fora do seu continente, sendo vítima de preconceito racial, de gênero e por ser africana. Um corpo representado por repertórios culturais próprios.

O que enroscava o pescoço de Akunna começou a afrouxar quando ela mostrou suas insatisfações em relação ao País durante discussão com o namorado. A jovem recusou seus presentes e disse que não queria que ele fosse à Nigéria para observar a vida dos pobres que jamais poderiam admirar a vida dele – O namorado lhe ofereceu uma passagem para juntos visitarem a Nigéria – e estava errado em dizer que só os indianos pobres de Mumbai eram indianos de verdade. Tempo depois ela escreveu para sua família, recebeu a notícia da morte do pai e voltou para a Nigéria. Sobre o caminho da diáspora no qual a personagem está inserida, na visão pós-moderna de Hall (2003), temos que:

A alternativa não é apegar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de “pertencimento cultural”, mas abarcar os processos mais amplos – o jogo da semelhança e da diferença – que estão transformando a cultura o mundo inteiro. Esse é o caminho da “diáspora”, que é a trajetória de um povo moderno e de uma cultura moderna. (HALL, 2003, p. 47)

O autor ressalta que é para a diversidade negra que devemos lançar nossa atenção e não somente apreciar suas diferenças históricas e experienciais nas comunidades, regiões e cidades, nas culturas nacionais e entre as diásporas. Precisamos reconhecer outros tipos de diferenças que localizam e situam o povo negro porque “Estamos sempre negociando diferentes tipos de diferenças: gênero, sexualidade e classe” (HALL, 2003, p. 343). Diferenças que em relação ao gênero são mais visíveis, especialmente quando se fala do corpo negro, visto que segundo o autor, as culturas têm usado o corpo negro como se ele fosse o único capital cultural que dispomos construindo telas de representações.

Situações dos corpos das personagens Chinaza e Akunna narradas nos contos são um recorte da realidade que muitas mulheres negras nigerianas sofrem ao sair do seu território. No entanto, é importante que as mulheres sejam protagonistas de suas histórias e tenham seus direitos respeitados porque as diferenças existentes para a mulher e negra em um ambiente controlado pelas ideias da desigualdade de gênero, preconceito racial e identidade cultural não podem se perpetuar na sociedade.

Considerações finais

Os contos “Os Casamenteiros” e “No Seu Pescoço”, da escritora Chimamanda Ngozi Adichie, ultrapassam os limites das histórias das mulheres nigerianas em diáspora e do continente africano mostrando o que é ser negra e viver em uma sociedade com muitas barreiras para o feminino e sua identidade. Dialogando com o crítico argentino Julio Cortazar “Um conto é significativo quando quebra seus próprios limites e vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta” (CORTÁZAR, 1998, p.268), o que percebemos nas narrativas analisadas da escritora Adichie.

As mulheres em diásporas são representadas dentro de um contexto social marcado pelo patriarcalismo, questões de identidade e étnico-raciais. No entanto, mesmo diante dessas situações mostram seu protagonismo feminino. Chinaza apresenta-se insatisfeita com o casamento arranjado pelos tios e almeja uma vida diferente, sonha em voltar a estudar e até trabalhar após conseguir o visto americano. Akunna namorou um cliente rico e de cor branca, mas nem gostava dos seus presentes e nem aceitou sua passagem para voltar à Nigéria. O emprego no restaurante, mesmo não sendo o ideal para seus custos, conseguiu sozinha e mesmo com tanta indiferença lutava por melhores condições frequentando as bibliotecas públicas, pois seu maior sonho era estudar.

Os dois contos não deixam conclusões fechadas para o leitor, pois não sabemos se Akunna após visitar os parentes na Nigéria voltou aos Estados Unidos para realizar o sonho de estudar ou trabalhar. Também se Chinaza esperou o visto americano como aconselhou a amiga ao lado do marido, mesmo sendo infeliz no casamento. Mas, são escritas que ajudam a refletir a construção da mulher negra nigeriana ao longo da história. Uma história marcada por preconceitos e desconhecimentos sobre um grupo e sua nacionalidade, tendo em vista, que a África não tem apenas pobreza, fome e doença. Miséria, epidemias e guerras civis estão presentes também em outros lugares.

Por fim, é inegável que nos últimos anos a literatura africana contemporânea vem passando por uma ascensão no mercado editorial e na academia, sobretudo através dos estudos pós-coloniais de autoria feminina, a exemplo de Chimamanda. Porque as escritoras partem das origens para narrar histórias de pertencimento e à identidade no contemporâneo explorando temáticas polêmicas: desigualdade de gênero, diáspora, preconceito racial e a maternidade, situações pelas quais mulheres têm seus corpos frequentemente violentados na sociedade.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No seu pescoço**. Trad. Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017a.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017b.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polém, 2019.

- BRAGA, Cláudio R. V. **A literatura movente de Chimamanda Adichie: pós-colonialidade, descolonização cultural e diáspora.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.
- CORTÁZAR, Julio. **Obra crítica.** Trad. Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- JIMÉNEZ, Claudia Salazar. **Chimamanda Ngozi Adichie: “Nossa época obriga a tomar partido”.** EL País, 2017. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/01/cultura/1506882356_458023.html. Acesso em: 10 mar.2021.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte. Editora da UFMG, 2003.
- HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas.** Rio de Janeiro, n, 2, p. 464-478, 1995. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>. Acesso em: 20 fev.2021
- OLIVEIRA, Anna Olga Prudente de. Entrevista com a tradutora Julia Romeu. In: **Revista Miscelânea,** Assis, São Paulo, v. 25, p. 307-316, jan-jun, 2019. Disponível em <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/1498/1235>. Acesso em: 20 fev.2021.